

A importância das atividades extracurriculares no desempenho acadêmico de estudantes da área de saúde

The importance of extracurricular activities in academic performance of health care students

Alice Freitas de Andrade Pereira

Universidade Salvador- UNIFACS
alicefreitasp@gmail.com

Dailan Santana Rezende Conceição

Universidade Salvador- UNIFACS
dailam670@gmail.com

Mayara Canário da Silva

Universidade Salvador- UNIFACS
mayara.canario@gmail.com

Bianca Costa Mota

Universidade Salvador- UNIFACS
bianca.mota@unifacs.br

Pablo Rafael Silveira Oliveira

Universidade Salvador- UNIFACS
pablo.silveira@unifacs.br

Resumo

Este trabalho visa avaliar como as atividades extracurriculares (AEs) se relacionam com o desempenho dos estudantes de uma Escola de Ciência e Saúde (ECS) da cidade de Salvador. Foi aplicado um questionário para os alunos dos cursos da área de saúde, cursando do primeiro ao último semestre de todos os turnos disponíveis com perguntas de múltiplas escolhas e subjetivas. Os dados foram tabulados utilizando codificação binária e foram avaliadas correlações entre o desempenho acadêmico dos estudantes e a participação em AEs. Como resultado, obtivemos dados que mostram efeito positivo das atividades extracurriculares no aprimoramento das habilidades do estudante universitário. Por fim, nossos resultados indicam que a participação em AEs precisa ser amplamente incentivada pelas universidades pois os índices de alunos que as realizam ainda são muito pequenos.

Palavras chave: atividades extracurriculares, atividades complementares, desempenho acadêmico, grupo de estudo, monitoria, iniciação científica.

Abstract

This paper proposes to understand how the extracurricular activities (AEs) are related to the performance of the students of a School of Health Sciences (ECS) in the city of Salvador. A questionnaire was applied to the students of the courses of the health area, attending from the first to the last semester of all the schedules available with questions of multiple choices. The data were tabulated using binary coding and correlations were evaluated between the academic performance of the undergraduate students and their participation in AEs. As a result we obtained data that reinforce the importance of extracurricular activities improving the academic abilities of the students. Besides that, AEs still need to be encouraged by universities because the rates of students who perform them are still very small.

Key words: extracurricular activities, additional activities, academic achievement, study group, monitoring, scientific initiation.

Introdução

As finalidades da educação superior não se resumem a uma perspectiva unidimensional, mas envolvem um conjunto mais abrangente de intenções que colocam a formação profissional além do que é proposto pelas ações educativas encontradas em uma estrutura curricular (FERREIRA et al. 2001), proporcionando uma maior liberdade de escolha, por parte dos alunos, sobre as atividades a serem desenvolvidas.

No contexto universitário tem sido evidenciado um impacto positivo tanto das atividades obrigatórias, chamadas de currículo formal, quanto das não obrigatórias, que fazem parte do currículo informal, denominadas atividades extracurriculares (AEs), as quais têm uma grande influência no desenvolvimento psicossocial e cognitivo do estudante (FERREIRA et al. 2001). O currículo formal expõe os alunos a experiências enriquecedoras dentro das salas incluindo aulas, trabalhos práticos e teóricos, além de exames. De outro modo, o currículo informal ou oculto leva aos alunos experiências sem previsão ou planejamento (GALLI, 1989).

As AEs são importantes para o currículo de um aluno de graduação, desencadeando diversas contribuições aos estudantes como: maior satisfação com o curso, aprimoramento das habilidades de liderança, facilidade nos relacionamentos interpessoais e desenvolvimento de valores altruísticos. Estes dados mostram que os benefícios das experiências não obrigatórias se refletem em diversos aspectos, que podem auxiliar no desenvolvimento do estudante em várias áreas (PASCARELLA e TERENCEZINI, 1991). Além disso, algumas delas são importantes para enriquecer o currículo profissional, como por exemplo, a monitoria, iniciação científica e grupo de estudos. Tais atividades podem ser importantes para o direcionamento a vagas no mercado de trabalho e/ou programas de especialização, facilitando assim um alcance rápido do sucesso na profissão. Zainaghi e colaboradores (2001), avaliando um o desempenho acadêmico de estudantes de um curso de engenharia de produção mecânica, apontaram que as AEs contribuem para que os discentes desenvolvam as habilidades requeridas para o aperfeiçoamento da sua profissão.

Segundo Pachane (1998), Santos (2000) e Fior e Mercuri (2003), as AEs tem o potencial de estimular o desenvolvimento de características do estudante universitário em cinco domínios principais: (1) conhecimentos e habilidades acadêmicas, (2) complexidade cognitiva, (3)

competência prática, (4) competência interpessoal e (5) humanitarismo. E para a formação acadêmica, existem três AEs de suma importância: grupo de estudos, monitoria e iniciação científica.

Os Grupos de Estudos (GE) têm como objetivo associar suas atividades aos estudos, palestras e jornadas relacionadas à temática do curso, com a supervisão de um docente que atua como orientador. Atuando especificamente nos cursos de saúde, desenvolvem campanhas e eventos públicos, com enfoque na promoção de saúde na comunidade.

A monitoria é considerada uma das mais importantes atividades extracurriculares e está associada ao auxílio dado por estudantes que foram escolhidos por meio de um processo seletivo para ajudar alunos de semestres menos avançados com o auxílio do professor da disciplina. O monitor faz o papel de intermediário entre o professor e os estudantes, tendo a incumbência de: (1) acompanhar as aulas e provas, (2) preparar e realizar aulas de reforço sobre os assuntos pertinentes ao conteúdo ministrado pelo professor da disciplina, (3) orientar e esclarecer as dúvidas dos estudantes, (4) participar da elaboração de material didático (FRANCO,1998). Esta atividade possibilita o desenvolvimento de habilidades técnicas com o manuseio de materiais, permite um contato mais próximo com a docência, faz com que haja uma constante revisão dos conteúdos já estudados e estimula o relacionamento com outros estudantes.

As atividades de Iniciação Científica (IC) permitem que o estudante tenha contato com todas as etapas da pesquisa científica, desde o levantamento de hipóteses até o relato da pesquisa. De acordo com Calazan (2002), esta atividade tem o potencial de desenvolver competências e habilidades que permitem a apreensão de teorias, metodologias, atitude e compromissos específicos do fazer ciência, as quais contribuem para a formação do pensamento científico dos estudantes de graduação. Almeida (1995) afirma que a IC é um caminho para autonomia intelectual, uma vez que o estudante por meio dessa atividade assume uma postura investigativa, na qual exerce sua criatividade, desenvolve o raciocínio crítico, articula conhecimentos distintos, elaboram projetos interdisciplinares que superam a dicotomia entre a teoria e a prática (BARINI, 1998).

Na literatura não é encontrado uma quantidade significativa de trabalhos acerca do efeito das AEs no desempenho acadêmico. Além disso, é importante fazer este estudo para que, caso haja uma correlação significativa entre o incremento do desempenho acadêmico e a realização de atividades extracurriculares, as universidades passem a investir mais nesse campo, colaborando com o desenvolvimento educacional e incentivo aos estudantes universitários.

Diante da importância dessas três atividades para a formação do estudante de graduação, este trabalho tem como objetivo apontar a percepção dos estudantes dos cursos de Saúde da Universidade Salvador (UNIFACS) sobre a importância das atividades extracurriculares e sua influência na melhoria do desempenho dos estudantes.

Metodologia

A escolha da Universidade Salvador (UNIFACS) se deu pelo fato desta instituição oferecer diversos cursos consolidados na área de saúde. Além disso, a UNIFACS tem um Índice Geral de Cursos (IGC) correspondente a três, e todos os cursos da área de saúde possuem atividades extracurriculares. Os sujeitos de pesquisa foram estudantes acima dos dezoito anos dos cursos de Biomedicina, Psicologia, Farmácia, Medicina, Nutrição, Fisioterapia e Enfermagem, cursando do primeiro ao último semestre de seus respectivos cursos, em qualquer um dos turnos disponíveis. Os questionários foram respondidos de forma anônima, somente por

indivíduos com idade superior a 18 anos. Todos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido permitindo o uso das respostas dos questionários no presente estudo.

Utilizou-se como instrumento de pesquisa um questionário autoaplicável que continha vinte nove questões de múltiplas escolhas e sete questões subjetivas. O questionário foi dividido em quatro seções. A primeira parte buscou conhecer os dados pessoais do estudante com quatro questões. A segunda parte buscou caracterizar o perfil acadêmico do estudante com dezoito questões a fim de identificar se ele participa de AEs dentro da universidade e a sua perspectiva sobre tais atividades. A terceira seção foi composta por sete questões com o objetivo de avaliar a importância das AEs e o porquê da sua participação. Em seguida, foram aplicadas na quarta seção sete questões específicas para aqueles que já haviam participado de AEs, visando avaliar os efeitos de tais atividades sobre o desempenho dos estudantes.

De 3882 estudantes dos cursos selecionados, foram recrutados 850 indivíduos. Contudo, 143 deles não responderam integralmente ao questionário e, por isso, foram excluídos do estudo. As respostas dos estudantes foram tabuladas, utilizando uma codificação binária em uma tabela criada no Excel onde utilizou-se 0 para as alternativas que não foram marcadas e 1 para as que foram. Foi realizada uma análise exploratória dos dados a fim de evidenciar a percepção dos estudantes acerca das AEs.

A Avaliação de Integração curricular (AIC) é uma prova realizada uma vez por semestre na segunda unidade (para estudantes a partir do terceiro semestre de graduação) com o objetivo de verificar o desempenho dos estudantes quanto a integração dos diversos conteúdos ministrados ao longo do curso. A pontuação é dada com base no desempenho do estudante na prova, ou seja, 40% a 60% de acertos equivalem a um ponto nas avaliações de peso quatro e de 60% a 100%, dois pontos. Os estudantes também apresentam uma média global, que é calculada a partir da divisão de todas as médias do semestre pela quantidade de disciplinas cursadas pelo estudante. Para avaliar a correlação entre as AEs e o desempenho dos estudantes da ECS da UNIFACS foi utilizado o coeficiente de correlação ponto-bisserial que corresponde ao coeficiente de Pearson. Avaliou-se a correlação entre: participação em AEs e média global e participação em AEs e a nota na AIC da universidade.

Resultado e discussão

Caracterização da amostra

Na primeira seção do questionário, como pode-se observar na Tabela 1, foram abordadas questões que caracterizavam os alunos segundo seus cursos, idade, gênero e semestre cursado. Observou-se um maior número de alunos do gênero feminino (59,26%), Pastore e Rosa (2008) afirmam que historicamente a área de saúde é um lugar que predomina uma maior quantidade de mulheres no Brasil. Nardelli e colaboradores (2013) também encontraram nos seus resultados uma quantidade significativamente maior de estudantes do sexo feminino (89%) nessa área, no Brasil. Nosso estudo identificou que os estudantes tinham em média vinte e três anos de idade (variando de 18 a 53 anos), que não é considerada uma distribuição normal possuindo uma mediana de 22 anos (gráfico 1). Esse dado é compatível com a pesquisa nacional feita pelo ANDIFES (2011), que constatou que 73,7% dos estudantes universitários no Brasil têm idades entre dezoito e vinte e quatro anos.

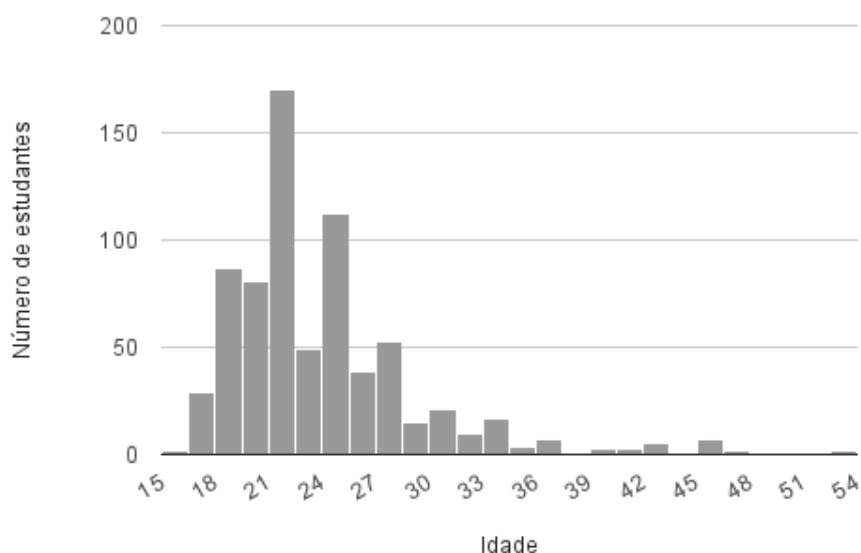


Gráfico 1: Histograma dos estudantes que participam de AEs.

Na segunda seção, 89,39% dos discentes que responderam ao questionário se consideram bons alunos. Relataram ainda, possuir escore semestral acima de sete (71,85%), com uma média de 7,2. Além disso, 62,51% dos alunos afirmaram ter disposição para ir para faculdade com o objetivo de estudar e se tornar um bom profissional. Esse dado reforça a hipótese de Locatelli e colaboradores (2007), que afirmam que a expectativa por um futuro bem sucedido é a principal motivação para os estudantes. Contudo, 37,49% dos alunos que não se sentem motivados alegam muito estresse, cansaço e falta de tempo por causa do trabalho. Nossos achados corroboram com esses autores que na medida em que um estudante percebe alguma atitude negativa que possa influenciar no seu futuro, ele se torna desmotivado.

Variáveis	Valor absoluto (%)	Não responderam
Feminino	419 (59,26)	
Masculino	278 (39,32)	
Total	697 (94,2)	10
18 à 33	666	
33 à 43	23 (3,25)	
43 à 53	8 (1,13)	
Total	697	10

Tabela 1: Características dos estudantes

No estudo, algumas perguntas visavam identificar o tipo de aula que o estudante tinha preferência (prática ou teórica) e em qual delas eles obtinham melhores resultados. Na tabela 2, observa-se que 62,94% dos participantes responderam que preferiam as aulas práticas e

50,77% de todos os alunos têm melhor rendimento também neste tipo de avaliação. Os resultados de Telles e colaboradores (2012) corroboram com os nossos dados, uma vez que pesquisando estudantes de nutrição quanto a sua preferência em relação ao tipo de aula eles encontraram predileção para aulas práticas. A UNIFACS foi classificada de forma positiva por 50,35% dos estudantes que afirmavam que o ensino da faculdade era bom. Foi perceptível que a grande maioria dos alunos tinham maior preferência por matérias que envolvessem práticas profissionais (58,13%), além disso, 32,81% dos alunos asseguram que reservam de uma a duas horas diárias para seus estudos.

Os resultados também mostraram que apesar de diversas formas de estudar, a maioria dos alunos (50,49%) utilizam vídeo-aulas e outros tipos de vídeos obtidos na internet juntamente com suas anotações manuais (48,09%), o que nos faz concordar com Oliveira (2013) que defende a ideia da interação que envolve o uso racional da computação para uma aprendizagem ativa até mesmo nas salas de aula, para desta forma contribuir para um melhor entendimento dos conteúdos. Ademais, os estudantes demonstraram de forma positiva (51,90%) o interesse por exemplos relacionados ao cotidiano nas salas de aula. Contudo, quando o assunto não desperta o interesse destes, 50,91% mostraram que possuem certa dificuldade em aprender. Ainda assim, um pouco mais da metade dos estudantes (52,78%) dizem que aprenderiam melhor se houvesse mais tempo para dedicar-se aos estudos. Souza (1993) já havia apontado que a maior dificuldade na dedicação dos alunos da Universidade Federal de Maringá estava associada a falta de tempo e dificuldades pessoais.

Variáveis	Teórica (%)	Prática (%)
Preferência por tipo de prova	37,06	62,94
Desempenho em prova	49,05	50,77
Total	86,11	113,71
Horas dedicadas ao estudo	Valor absoluto	Valor relativo (%)
1-2h	232	32,81%
Mais de duas horas	223	31,54%
Fins de Semana	158	22,34%
Véspera de provas	77	10,89%
Nunca	17	2,42%
Total	707	100

Tabela 2: A visão dos estudantes referente às provas dos seus cursos e suas preferências em número e porcentagem.

Todos os cursos apresentavam iniciação científica, monitoria e grupos de estudos. Entretanto, como está descrito na tabela 3, apenas 17,11% dos estudantes afirmam realizar no momento da aplicação do questionário ou já ter realizado AEs. Aqueles que nunca participaram justificam o fato principalmente pela falta de tempo (61,10%). Warmling e colaboradores (2012) também observaram que fatores como excesso de carga horária na grade curricular,

tarefas pedidas pelos professores em excesso limitam o tempo dos alunos os afastando destas atividades complementares. Mesmo assim, 59,26% de todos os alunos reconhecem a importância das AEs para incrementar o conhecimento e as habilidades acadêmicas. Isso demonstra que mais do que a metade dos estudantes, até mesmo aqueles que não participam de certas atividades possuem uma percepção positiva referente as AEs, tendo como reflexo um melhor desempenho nas provas, aumento do escore e maior acesso ao conhecimento. Resultado similar foi observado por estudo conduzido por Bussolotti e colaboradores (2016), no qual 64,3% dos alunos pesquisados afirmaram que a participação na AEs contribui para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Dos alunos que responderam ao nosso questionário, 24,04% tinham alguma disciplina com monitoria e 15,41% disseram observar uma mudança positiva no desempenho acadêmico. Esse mesmo fenômeno foi relatado nos resultados de Lins e colaboradores (2009), que afirmam que a principal contribuição da monitoria se dá na troca de conhecimento entre os estudantes, o monitor e o professor orientador.

Dentre os alunos que participam de AEs, como indica a Gráfico 2, a maioria dos estudantes integra grupo de estudos (GÊs). De modo geral, os cursos não possibilitam a participação de alunos do primeiro semestre em GÊs. Portanto, a maioria dos alunos que ingressou nas AEs estão envolvidos com GÊs de um a três semestres (74,33%). O que também já foi relatado por Warmling e colaboradores (2012) na Universidade Federal de Santa Catarina (curso de Odontologia), com uma média de participação que de dois a seis semestres. Grande parte dos estudantes dedica de uma a quatro horas (71,90%) semanais às AEs e, segundo eles, o tempo dedicado não atrapalha os estudos, mas interfere de forma positiva no desempenho (95,04%). Além disso, dos alunos com média a cima de sete no AIC na UNIFACS, 60% se dedicam entre 1 a 4 horas semanais às AEs.

Variáveis	Valor absoluto (%)	Total
Cursos que apresentavam AES	07 (100)	07
Participam de Aes	121 (17,11)	707
Reconhecem a importância	419 (59,26)	707
Disciplina com monitoria	170 (24,04)	707
Observou diferença positiva no desempenho após monitoria	109 (15,41)	707

Tabela 3: A relação da faculdade com as AEs e a visão do estudante diante dela.

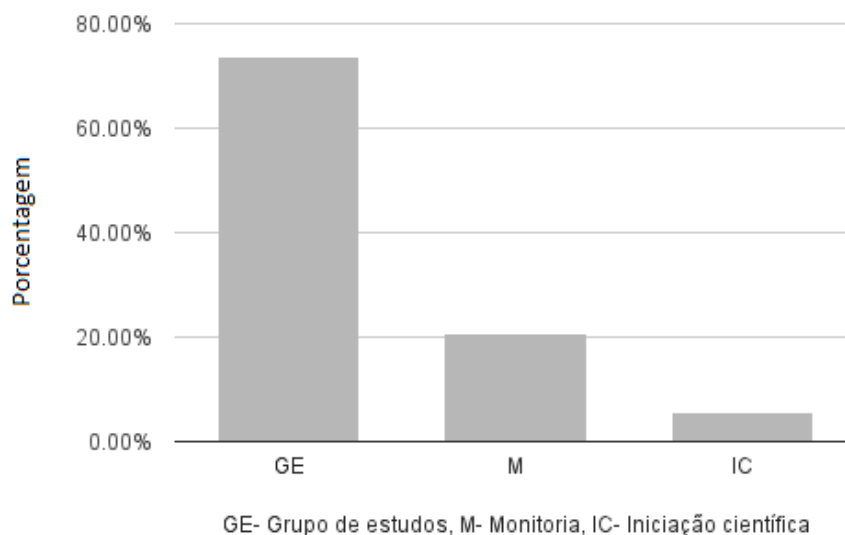


Gráfico 2: AEs que os estudantes mais participam em percentagem (%).

Relação entre AEs e o desempenho dos estudantes

O teste de correlação de Pearson foi aplicado para avaliar possível correlação entre a participação em AEs e o escore global dos estudantes. Foi identificada correlação positiva forte ($r_{pb} = 0,96$), o que confirmou a nossa hipótese inicial de que o empenho de estudantes em AEs tem efeito positivo sobre os seus desempenhos na universidade. Segundo os dados da pesquisa de Warmling e colaboradores (2012), a participação em certos tipos de atividades possibilita que os estudantes aprendam mais sobre áreas específicas que mais gostam, contribuindo para seu enriquecimento profissional e direcionamento para uma futura habilitação, além de aumentar seu interesse para a pós-graduação. Os autores ainda relatam que observaram nos seus dados que além do enriquecimento do currículo, as AEs aproximam os estudantes da realidade dos seus cursos, contribuindo para a maturidade acadêmica dos mesmos. A correlação entre a participação em AEs e notas no AIC, excluindo estudantes do segundo semestre e do curso de Medicina (pois não fazem a prova), também foi positiva ($r_{pb} = 0,74$). Bussolotti e colaboradores (2016) concluíram segundo seus dados, que os estudantes percebem a importância das AEs para a ampliação dos seus conhecimentos. Os autores ainda relatam que alguns discentes destacaram que é possível aumentar o nível de aprendizado e buscar possibilidades através das AEs como o contato com a pesquisa, visitas em congressos e publicações de artigos. Os autores ainda dizem no seu trabalho que os estudantes que tem um contato maior com atividades complementares e extracurriculares buscam possibilidades novas de aprendizagem para enriquecer seus estudos.

O gráfico 3 indica que a maioria dos estudantes que realizam AEs têm idades entre 18 e 25 anos. Sendo que acima de 34 anos, só foram encontrados três estudantes. Uma média próxima foi encontrada na pesquisa de Vieira e colaboradores (2004), que a média dos estudantes que participavam de atividades extracurriculares era de 20,7, que variava dos 17 aos 26 anos.



Gráfico 3: A relação entre a idade e a participação em AEs.

Considerações finais

Observou-se que 17,11% dos alunos participam de alguma atividade extracurricular, destes 95,04% consideram que as participações nessas atividades contribuem de forma positiva no desempenho acadêmico. Portanto, a presença destes estudantes nas AEs indica que a Universidade Salvador e seus docentes disponibilizam atividades complementares para alunos da área de saúde que tenham interesse em participar. Contudo, ainda encontra-se uma porcentagem mínima que mesmo após participar de tais atividades não acham relevante para seu aprendizado ou currículo. Além disso, a porcentagem de estudantes que participam destas atividades ainda é relativamente baixa. Este fato pode ser por falta de planejamento e organização didático-pedagógica das atividades extracurriculares e sua divulgação, ou o pouco reconhecimento e interesse dos alunos pelo valor da sua participação nas mesmas.

Existe a demanda de estudos mais detalhados de artigos feitos por outros autores e análises com professores e gestores acadêmicos para saber a sua percepção diante as atividades extracurriculares e sua inserção como instrumento auxiliar no processo de aprendizagem e desenvolvimento profissional dos estudantes da área de saúde.

Referências

- ANDIFES (BR). Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Universidades Federais Brasileiras. **Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE)**. Brasília, 2011. P. 64.
- ALMEIDA, L. M. do A. C. Sobre a Iniciação Científica, ou sobre a Difícil Tarefa de Formar Profissionais Críticos e Autônomos. **Anais do I Encontro de Iniciação Científica da USF**, 22-24, Universidade São Francisco, 1995.
- BARINI, I. C. Estilos cognitivos de universitários e iniciação científica, **Tese de Doutorado (Doutorado em Educação)** – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1998.
- BUSSOLOTI, J. M.; OLIVEIRA, M. R.; PIRES, R. G.; VEIGA, S. A. A importância das atividades complementares no processo de aprendizado: percepção dos alunos de cursos de educação a distância da universidade de Taubaté. **Associação Brasileira de Ensino a Distância**, 2016.

CALAZANS, J. Iniciação Científica: construindo o pensamento crítico. **Cortez**. São Paulo, 2002.

FIOR, C. A.; MERCURI, E. Formação universitária: o impacto das atividades não obrigatórias. In: Mercuri, E. & Polydoro, S. A. J. (Org.) **Estudante universitário: características e experiências de formação**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, p.241- 247, 2003.

FRANCO, G. P. Uma experiência acadêmica como alunomonitor da disciplina de morfologia: histologia e anatomia. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 19, n. 1, p. 66-68, 1998.

GALLI, A Argentina: transformación curricular. **Educación Medica y Salud**, v.23, n.4, p. 344-53, 1989.

LINS, L. F.; FERREIRA, L. M., FERRAZ, L. V.; CARVALHO, S. S. G. A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor. **IX Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão - JEPEX**. Recife, 2009.

LOCATELLI, A. C. D.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Paraná, 2007.

NARDELLI G. G.; GAUDENCI E. M.; GARCIA B. B.; CARLETO C. T.; GONTIJO L. M.; PEDROSA L. A. K.; Perfil dos alunos ingressantes dos cursos da área da saúde de uma universidade federal. **Atenção Saúde**. Minas Gerais, 2013.

OLIVEIRA. Novos Algoritmos Rápidos para Computação de Transformadas Discretas. **Dissertação (Doutorado)- Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco**, 2013.

PACHANE, G. G. A universidade vivida: a experiência universitária e sua contribuição. 125f. **Dissertação (Mestrado)-Universidade de Campinas**, Campinas, 1998.

PASCARELLA, E.; TERENCEZINI, P. How college affects students. **San Francisco: Jossey Bass**, 1991.

PASTORE, E.; ROSA, L. D.; HOMEM, I. D. L. Relações de gênero e poder entre trabalhadores da área da saúde. **Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008.

SANTOS, L. T. M. dos. Vivências acadêmicas e rendimento escolar: estudo com alunos universitários do 1º ano. 215f. **Dissertação (Mestrado) - Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho**, Braga, 2000.

TELLES, L. L. S.; CHAUD, D. M. A.; ABREU, E. S.; MARIMOTO, J. M. Como eu gosto de aprender? Contribuição dos alunos de nutrição na construção do projeto político-pedagógico de graduação, São Paulo. **Simbiologias**. V.5, n.7, São Paulo, 2012.

VIEIRA, E. M.; BARBIERI, C. L. A.; VILELA, D. B.; LANHEZ JUNIOR, E.; TOMÉ, F. S.; WOIDA, F. M.; MARTINEZ, G. L.; VICENTE, L. M.; GAVA, N. F.; LIRA, P. G.; BRANDÃO, T. O.; MENDONÇA, T. N. O que eles fazem depois da aula ? As atividades

extracurriculares dos alunos de ciências médicas da FMRP-USP. **Medicina (Ribeirão Preto)**. 37:84-90, 2004

WARMLING; FERREIRA. Contribuições das atividades complementares na formação profissional em odontologia. **ABENO**. 12, 2, pp. 190-197. ISSN 1679-5954, 2012.

ZAINAGHI, G.; AKAMINE, E.G.; BREMER, C. F. Análise do perfil profissional do engenheiro de produção adquirido nas atividades extracurriculares. **COBENGE – Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia**, 2001.